

**DISCURSO pronunciado no encerramento da  
exposição industrial comemorativa do  
bi-centenário da fundação da cidade  
do Rio-Grande, a 24 de fevereiro de  
1937.**

### Meus senhores

Com a solenidade a que estamos assistindo, encer-ram-se as comemorações do bi-centenário da fundação da cidade do Rio-Grande. E, contrariando, confesso, os meus próprios desígnios, aqui me encontro diante de vós, na ousadia de um gesto que se desculpa na expressão mesma, do fato que comemoramos. Filho desta terra hospitaleira, em cujo seio amigo e generoso meu pai viveu os últimos instantes de uma vida feita trabalho, trabalho transformado em fé, fé convertida em fogo, fogo bendito e crepitante, em que êle retemperou, legando-as depois aos seus filhos, tôdas as energias com que lutou para elevar a família, dignificar a sociedade e glorificar a raça e com ela a própria Pátria estremecida. Filho desta nesga adorável de chão gaúcho, onde meus filhos viram pela vez primeira, a luz esplendida do sol. Filho dêste Rio-Grande histórico, aqui firmando o meu caráter ao som ensurdecador do malho, aqui aprendendo a amar a Deus no amor aos homens. Filho dêste Rio-Grande, verdadeiramente grande, que Silva Pais transformou num tablado majestoso para sôbre êle desdobrar um povo feito de heróis e mártires, uma história feita de glórias e honras, uma raça feita de fortes e generosos. Filho enfim, dêste rincão, onde se é, na expressão de alguém, duas vezes rio-grandense, eu não podia fugir ao encargo para mim honroso, que me confiou a digna Comissão Central

das Comemorações do Bi-centenário da fundação do Rio-Grande, a cuja vontade soberana eu me curvo, para vos dizer duas palavras apenas, no momento de encerrarmos esta brilhante exposição industrial, afirmação vigorosa do valor produtivo da minha terra, honrando o Rio-Grande-do-Sul e engrandecendo o Brasil.

Meus senhores:

Embandeirou-se o meu Rio-Grande e, com êle, tôda a lendária e gloriosa terra dos pampas. A semana que passou foi de festas e de gala nos arraiais rio-grandenses. A própria natureza, através de tôdas as manifestações meteorológicas vibrou conosco de emoção, confraternizando com a rio-grandina gente nessa hora soberba de alegria, de fé, de entusiasmo, de saudade e de gratidão e, na chuva que caíu, no trovão que retumbou, no relâmpago que passou, nos resplendores do sol que reluziu e nas estrelas que vagueiam descuidadas na amplidão dos céus, meu Deus, a gente sente os próprios elementos que o poder divino criou, comunicarem conosco a mesma vibração profunda que desperta em nós o acontecimento feliz que celebramos.

E' o início do terceiro século da fundação do presídio de São-Pedro; o segundo centenário do **Fiat** neste recanto privilegiado da terra brasileira é o triunfo da tenacidade, do espírito de trabalho, do desejo feito vontade dos filhos desta cidade sôbre o indiferentismo de uns, a má vontade de outros e o impatriotismo daqueles que nada dando tudo querem tirar do Rio-Grande, esquecidos de que a nossa terra e a nossa gente, impulsionados pelos mais elevados princípios de brasilidade, pelas suas realizações, pelas suas virtudes alcandoradas e por fôrça da própria natureza de há muito, ingressaram resolutos no patrimônio moral, cultural, econômico e político do Rio-Grande-do-Sul, formando sempre entre os primeiros na construção suntuosa desta coluna gigantesca que o Gaúcho ergueu em defesa da ordem, da liberdade, do pro-

gresso, da justiça e porque negá-lo, da própria nacionalidade.

Duzentos anos são passados e o meu Rio-Grande, como uma colmeia bendita, de trabalho, fonte exuberante de crença e de perseverança, de civismo e de amor ao Brasil, na glorificação da memória imperecível de Silva Pais, exalta a obra fecunda de todos os obreiros da sua grandeza e da sua prosperidade e canta, inspirado nas virtudes quintessenciadas dos seus filhos, a gloriosa aleluia dos seus esplendorosos destinos.

Porisso eu te bendigo, Rio-Grande estremecido, e te bendizendo saúdo em ti a todos os construtores, rio-grandenses ou não, brasileiros ou não, a todos os construtores, repito, da expressão hercúlea que tanto te eleva no conceito da Pátria brasileira. Eu te bendigo e te bendizendo eu saúdo em ti a capacidade realizadora, a inteligência robusta, a elevação de caráter dêste patricio ilustre por todos os títulos, doutor Meireles Leite, e que, colocando acima dos pessoais os interesses supremos da terra dádiosa e amiga, hospitaleira e boa do Rio-Grande, dirige com mão firme os nossos destinos, na hora esplendente que estamos vivendo. Eu te bendigo, meu Rio-Grande amado, e te bendizendo eu saúdo em ti as tuas fábricas, as tuas usinas, os teus campos, as tuas oficinas, todo êsse conjunto harmonioso de fecundo labor que, em surtos arrojados e animadores, vem traçando na imensidão do tempo a viripotência exuberante das tuas possibilidades.

— A barra não tem querer, disse o imortal tribuno, numa visão ampla dos nossos valores naturais, bênçãos divinais, diria eu, que se estereotipam na nossa invejável posição geográfica. — A barra não tem querer, murmuram hoje baixinho os que querem em sonhos utópicos arrancar do Rio-Grande aquilo que a natureza nos prodigalizou e que nós usamos em função do desenvolvimento da nossa economia e da defesa da nossa integridade de povo culto, de povo livre, de Pátria grande e forte.

— 220 —

Meus senhores: A exposição que neste momento estamos encerrando é, sem dúvida, uma das mais expressivas homenagens prestadas ao homem do trabalho nos festejos do bi-centenário da fundação do Rio-Grande, e se o monumento inaugurado hoje pela manhã, só por si, não fôsse a glorificação dos obreiros desconhecidos, a impressionante apoteose ao braço e ao cérebro do nosso operariado, que esta exposição representa, ergueria o maior monumento de admiração e de gratidão, levantado no coração daqueles que tiveram a dita de visitar êste recinto e apreciar, prenhes de deslumbramento os inúmeros e belíssimos mostruários das nossas indústrias.

Bem haja, pois, o trabalho da minha terra, bem hajam os seus realizadores, o capital que o impulsiona, o braço que o desdobrou e o cérebro que o idealizou e nesta hora, ao encerrarmos essa exposição que tão grata impressão deixou em nós, façamos da certeza confortadora da nossa capacidade produtora, que êsse empreendimento nos proporcionou, das nossas energias e do nosso amor ao Rio-Grande-do-Sul e ao Brasil, o penhor seguro de repetidos e brilhantes triunfos no futuro. Disse.

**DISCURSO** pronunciado na sessão solene comemorativa ao quinto aniversário da fundação do primeiro Círculo Operário no Rio-Grande-do-Sul, em 14 de março de 1937.

Ilustre representante do Sr. Governador do Estado  
Dignas comissões presentes  
Meus Senhores, Senhoras  
Nobres consócios.

Falar, quando ainda permanece no ar embriagando o nosso espírito a eloqüência impressionante, a inteligência brilhante e o estilo formoso dos que me precederam nesta tribuna, falar em momentos como êste em que a expressão mesma do próprio acontecimento que celebramos, só por si, se alevanta como uma apoteose soberba de fé, de trabalho, de energias, de humanidade e de amor ao próximo, falar assim, meus Senhores, seria uma temeridade se não fôra apenas para reafirmar de público a minha solidariedade a êsse movimento majestoso há cinco anos iniciado, se não fôra para comungar convosco dêste princípio nobilitante que forma a linha mestra dos C. C. O. O. do Rio-Grande-do-Sul. — Amor a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

E os cinco anos de lutas e de glórias que comemoramos agora aquí de forma tão significativa, se revesteriam da banalidade das comemorações vulgares se, a nossa divisa fôsse outra que não “Odiar o êrro e amar os que erram”, se como pálio formoso e sublime de fraternidade cristã não se estendesse por sôbre as nossas cabeças a

máxima “o ódio destrói, só o amor constrói para a eternidade”. E compreende-se.

O homem cursando a escola do egoísmo bacharelou-se na ciência do ódio e, odeia por sistema, odeia por profissão.

Dizendo amar a civilização o homem mata aos seus irmãos em guerras estúpidas e horríveis. Dizendo amar a humanidade êle faz cair sôbre uma parte dessa humanidade, em explosões de ódio, tôda a maleficência da sua falta de amor e procura atingir, infeliz ao próprio Deus, exponencial máximo de Amor, de Justiça e de Bondade. Dizendo amar a Sociedade o homem deturpa a moral dessa Sociedade, axfixia a sua dignidade e arranca do espírito dos seus membros os mais rudimentares princípios de fraternidade e amor. O homem habituou-se á inspirar o seu amor no ódio, numa palavra, o homem odeia por amor. E para se manter feliz, pois a felicidade para êle consiste apenas na brutalidade dos gozos materiais, embora êles se firmem sôbre as lágrimas e o luto das multidões, para se manter feliz, repito, na sua rápida passagem por êste vale de lágrimas o homem, por amor a si mesmo, se abstém de amar ao seu próximo. E’ o triunfo do ódio esteriotipado no egoísmo humano. E os C. C. O. O. do Rio-Grande-do-Sul, desfraldando a bandeira formosa do “só o amor constrói” lançaram no mar revôlto da hora que passa, a tábua de salvação capaz de levar o homem ao pôrto seguro da verdadeira felicidade, dessa felicidade que não emana dos bolsos transbordantes de ouro e sim do espírito envôlto em doce paz, nessa paz confortadora que os anjos almejaram aos homens de boa vontade na noite santa do natal de Cristo. Os C. C. O. O. se erguem mesmo desafiando os arreganhos daqueles que irremediavelmente estão corrompendo o mundo pelo ódio, daqueles que, utòpicamente, querem salvar o mundo pelo ódio. Daí a expressão do acontecimento que ora comemoramos porque com as bênçãos de Deus e os aplausos



— 225 —

dos homens de boa vontade, com a orientação sadia de um P. Brentano e de uma pléiade homogênea de circulis-tas, como essa que o cerca, os C. C. O. O. do Rio-Grande-do Sul hão de realizar o milagre do soerguimento moral e espiritual do homem explorado e do homem que explora, do homem que o ódio matou, falando em nome do amor para ordenar a ambos com majestade — Levanta-te e caminha.

Disse.

**DISCURSO** pronunciado na missa campal comemorativa ao dia 1.º de Maio, no campo da Redenção, em 1.º de maio de 1937.

### Povo de Pôrto-Alegre.

Os albores do primeiro sol de maio, se encontraram e se confundiram no espaço com os espirais belíssimos, transbordantes de fé, da tua prece ardente, na sutuosidade majestosa dessa catedral imensa coberta pelo céu azul e risonho de Pôrto-Alegre. E' a tua comemoração expressiva ao dia do trabalho.

A vibração intensa da tua espiritualidade e o esplendor da tua crença trouxeram-te e prenderam-te aos pés do Cristo-operário, homens do Capital e homens do trabalho.

Aquí, nesta pública e solente demonstração da tua catolicidade, numa deslumbrante apoteose de fraternidade cristã, nessa hora sombria em que a humanidade se enloda nos paúes da ambição e do egoísmo, em que a sociedade odierna se afoga no oceano dos seus próprios vícios, em que a honra, a moral, a consciência, a virtude e o amor nos parece que vão perdendo aqueles característicos nobilitantes que, no passado, cingiram a fronte dos seus cultores com a auréola refulgente da santidade, da glória e da imortalidade, nessa hora meus patrícios, eu bem sei, é para o Brasil estremecido que se volvem as vossas mais íntimas e intensas vibrações, é para os seus problemas, seus destinos, seu porvir e sua vida. E êsses problemas, êsses destinos, êsse porvir e essa vida hoje mais do que nunca estão, diréta e estreitamente ligados a

nossa máxima questão, na hora incerta que estamos vivendo — a questão social.

As massas populares, impelidas pelas injustiças humanas, pelo indiferentismo para com a sua mísera condição econômica e social, pelas afrontas aos seus sofrimentos, às suas lágrimas e a sua fome, marcham vertiginosamente para a apostasia pisando na impetuosidade dessa marcha por sobre a Cruz maravilhosa de Cristo, rasgando o seu Evangelho divino, renegando a sua doutrina de amor, desprezando os seus princípios salutares e imperecíveis e empanando o esplendor das suas leis para ir buscar o bálsamo suavizador para a sua grande ferida precisamente onde se encontra o vírus violento, razão única desta mesma ferida — a miséria humana.

Um vago princípio de Justiça e uma concepção inexacta do direito jamais conseguirão firmar, entre os homens que incarnam estas duas grandezas, — Capital e Trabalho, a implantação a corporificação do ideal harmônico da mútua cooperação sem que ambos, a Justiça e o Direito, se purifiquem sublimando-se na água lustral e redentora do cristianismo ou seja da caridade e do amor. Do mesmo modo que a caridade é o complemento da Justiça o amor é a divinização do direito.

Fora disso é a legalização desse estado revoltante de cousas que se caracteriza pela exploração da mulher operária nas fábricas e no comércio, em que pese a lei reguladora da matéria, que lhe garante uma igualdade de direitos, conseqüente da igualdade de deveres. Fora disso é a continuação do statu-quo em que o operário é punido pelo grande crime de reclamar, estribado em dispositivos legais, o gozo das conquistas que essa mesma lei lhe outorgou. Fora disso é o prosseguimento da monstruosa injustiça que, não raro, se pratica contra a criança operária, contra êsses pequeninos seres que entram na realidade dolorosa da vida envoltos já nos amargores da luta formidanda e cruel pelo pão quotidiano. Fora disso é o trabalhador do campo vivendo uma vida incompatível com

a dignidade humana. Fora disso são essas explosões violentas de revoltas incontidas que desabam, às vezes, sobre nós trazendo no seu bojo a exigência dos direitos negados e quebrando de vez em quando o ritmo normal das funções políticas, econômicas e sociais da Nação.

Fora disso, enfim, é essa inquietação perene que nos envolve e que emana muitas vezes da reação dos que negam e da violência dos que exigem, fogueira crepitante alimentada pelos arautos impenitentes da luta sistemática de classe.

A questão social, meus patrícios e meus irmãos, é esse conjunto complexo de fatores que os materialistas teimam em afirmar que se reveste apenas do aspecto econômico, é essa luta gigantesca travada entre duas forças ponderáveis que defendem interesses antagônicos mas que se identificam quanto ao objetivo que é o gôzo relativo de uma felicidade mentirosa e passageira, erguida como razão de ser de uma vida que se deve acabar.

A questão social é o conglobado de todos esses múltiplos problemas que gravitam em tórno das supremas e subalternas preocupações humanas — o Meu e o Teu.

Ela é o eixo nuclear das aspirações das massas populares e do estudo dos homens de Governo e, estes, bem sabem que ela é o tablado imenso sobre o qual há de se desdobrar as primícias da Idade-Nova. Daí o seu interesse e o seu desesperado esforço no sentido de resolver essa questão mas, força é proclamá-lo, serão frustradas todos os intentos e nulas tôdas as tentativas enquanto não se quiser reconhecer o outro lado importantíssimo à par do lado econômico da questão, o aspecto moral, numa palavra o Amor.

E o amor é a luz estonteante que o cristianismo há 20 séculos espargiu sobre a humanidade, plasmando-lhe no espírito a lembrança de que “só o amor constrói para a eternidade”.

Alguns dias mais e 46 anos terão passados da publicação dêste notável e sempre novo documento de socio-

logia cristã, Carta magna do operariado, encíclica monumental que honra um Pontífice, exalta uma doutrina e simboliza uma época — a Rerum Novarum.

Nela a voz autorizada de Leão XIII indica ao Estado, ao Capital e ao Trabalho as diretivas infalíveis a seguir para a solução do problema social e mostra a exata terapêutica para a cura radical do grande mal que envolve a humanidade prenhe de apreensões e sofrimentos.

Façamos, pois, homens empregadores e empregados, governantes e governados que me ouvís, façamos dessa nossa comemoração ao dia do Trabalho o penhor seguro de que tôdas as nossas atividades, esforços e possibilidades serão empregados na solução sincera e real da questão operária dentro das linhas básicas, sublimes e elevadas do cristianismo verdadeiro, do cristianismo cristão e não dêsse cristianismo falso atrás do qual muitos se ocultam para a prática indecorosa das mais revoltantes negações as normas salutare e divinas da moral de Jesús Cristo.

Nos dias que passam, nota-se uma intensa reação contra aqueles que pretendem solapar os alicerces da família, da religião e da Pátria mas, a barbárie contra o qual se levantam tôdas as fôrças vivas da nacionalidade não encontrará o seu aniquilamento na fôrça nem na violência, antes ao contrário, poderá encontrar aí o desdobramento da sua rigidez.

Se existe realmente o desejo sincero de salvar o Brasil façamos puro cristianismo porque fazer cristianismo é fazer justiça, justiça que é caridade, caridade que é amor, amor que é paz, paz que é trabalho e trabalho que é o vigamento hercúleo de uma Pátria feliz, rica e respeitada.

Povo de Pôrto-Alegre, tu que incarnas com tanta expressão a alma viril e nobre do povo brasileiro, tu que encerras no teu civismo, na tua lealdade, no teu patriotis-

mo e na tua fé o simbolismo quintessenciado das virtudes alcandoradas que ornaram a nossa raça e a nossa gente, com a mesma ansiedade profunda que envolvia a turba imensa de israelitas e gentios, postada “pelas fraldas do outeiro” quando o meigo Rabì da Galiléia prègava o seu formoso e solene sermão da montanha, tu sentes, e eu comungo dos teus sentimentos, o desejo intenso de, outra vez, ouvir como raios de luz espargindo as trevas do materialismo que assoberba os nossos dias, aquela sentença inconfundível que, só por si, atesta a sublimidade de uma doutrina: — “Bem-aventurados os que tem fome e sêde de justiça, porque êles serão saciados”.

E fome e sêde de justiça é o que sentem nesta hora, de um modo todo especial, as massas proletárias, nesse “momento trágico onde a história social vai assinalar mais uma etapa da sua evolução”, evolução essa que não há força humana capaz de impedir, momento histórico que “todos sentem mas poucos compreendem”.

Fome e sêde de justiça é o que sente o proletariado espoliado nos seus direitos, confundido nas suas justas reivindicações punido nas suas atitudes elevadas.

Fome e sêde de justiça é o que sente tôda essa legião imensa de artífices da grandeza da Pátria, homens, mulheres e crianças que vivem diàriamente no campo, nas fábricas e nas oficinas cantando o “miserere mei” das suas dôres e do seu infortúnio.

Homens do capital, homens do Trabalho e homens de Govêrno que me ouvís, a vossa homenagem ao dia do Trabalho é a mais confortadora certeza que podereis dar de que, com os olhos fitos na glorificação de Deus e na grandeza da Pátria, vós tendes fome e sêde de justiça. Meus patrícios, ainda é tempo de salvarmos o Brasil para Cristo e por Cristo. Homens do Capital e homens de Govêrno, a vós as minhas últimas palavras e sejam elas a expressão mais sincera do meu ardente desejo de ver feliz e engrandecida a terra de Santa-Cruz. Façamos da

— 234 —

sublimidade dêste ato o fogo retemperador dos nossos designios de amor e de justiça na solução dos problemas operários e que, da nossa fé e do nosso acendrado amor a Pátria querida, possam surgir mais justiça, mais pão e mais alegria para o operário, mais operários para Cristo e mais Cristo para o Brasil.

Disse.



# I N D I C E

	Pág.
Deputado Carlos Santos .....	I
Sucata . . . . .	9
Leitor amigo .....	11
Discurso pronunciado no I Congresso dos Metalúrgicos do Brasil, na Capital do Brasil, na sessão do dia 25 de Janeiro de 1935.....	21
Discurso de estréia pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado, na sessão do dia 26 de Outubro de 1935.....	35
Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa, em 17 de De- zembro de 1935 .....	45
Discurso pronunciado ante o microfone da Rádio Farroupilha, nos cinco minutos da Ação de Renovação Social, em 18 de Dezembro de 1935 .....	59
Discurso pronunciado ante o microfone da Rádio Farroupilha de Pôrto-Alegre, em 21 de Abril de 1936, como abertura da sessão solene realizada em Rio-Grande, pelo Centro Cultural "Márcilio Dias", comemorativa ao "Mártir da Independência".....	65
Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa, em 30 de Abril de 1936 . . . . .	73
Discurso pronunciado na sessão solene do Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Pôrto-Alegre, comemorativa ao seu quarto aniversário de fundação .....	91
Discurso pronunciado no Teatro 7 de Setembro, em Rio-Grande, na sessão solene do dia 11 de Junho de 1936, em que foi instalado oficialmente o Centro Cultural "Márcilio Dias" .....	99
Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa em 21 de Julho de 1936 . . . . .	113

	Pág.
Discurso pronunciado na Assembléa Legislativa, em 28 de Julho de 1936. — Voto de pesar pelo passamento do Dep. Classista Adalberto Camargo . . . . .	127
Discurso pronunciado no Segundo Congresso Eucarístico Nacional, em Belo Horizonte, em 4 de Setembro de 1936 . . . . .	133
Discurso pronunciado na sessão solene do 2.º Congresso Eucarístico Nacional, no dia 6 de Setembro de 1936, na Praça Raul Soares, Belo Horizonte . . . . .	145
Discurso pronunciado no Teatro Municipal de Belo Horizonte, em 6 de Setembro de 1936 . . . . .	153
Discurso pronunciado na Assembléa Geral do Sindicato dos Operários em Panificação, em 4 de Outubro de 1936 . . . . .	159
Discurso pronunciado na Sessão Solene de encerramento do 2.º Congresso dos C. C. O. O. do Rio Grande do Sul, em 14 de Novembro de 1936, no Teatro Coliseu, de Santa Maria . . . . .	169
Discurso pronunciado na Assembléa Legislativa, em 14 de Dezembro de 1936 . . . . .	177
Discurso pronunciado na Assembléa Legislativa em 17 de Dezembro de 1936 . . . . .	189
Discurso pronunciado na Assembléa Legislativa, em 8 de Janeiro de 1937 . . . . .	197
Discurso pronunciado no encerramento da exposição industrial comemorativa do bi-centenário da fundação da cidade do Rio Grande, a 24 de Fevereiro de 1937 . . . . .	215
Discurso pronunciado na sessão solene comemorativa ao 5.º aniversário da fundação do primeiro C. O. no Rio-Grande-do-Sul, em 14 de Março de 1937 . . . . .	221
Discurso pronunciado na missa campal comemorativa ao dia 1.º de Maio, no Campo da Redenção, em 1.º de Maio de 1937 . . . . .	227